

## COOPERAR PARA MUDAR – UMA VISÃO SUSTENTÁVEL DA ECONOMIA E DA VIDA

Síntese da palestra da Professora Rajni Bakshi em 08/10/2014

Falaremos hoje de um Gandhi que, além daquela condição de santidade com um cajado pela qual o conhecemos como arauto da não violência, ocupou-se da organização econômica da vida – seu viés ou visão da Economia.

No final de sua vida, passou a maior parte do tempo em Nova Delhi, e dividia-se entre dois lugares. O primeiro, uma favela, em um enorme bairro de intocáveis, junto àqueles que ele denominou *harijans*: filhos de Deus. Mas também passava um tempo no palacete do milionário Birla. Seus amigos de ideário se sentiam desconfortáveis com sua proximidade a esse homem rico. Contudo, para Gandhi, nesse período de luta pela independência da Índia, todos, dos mais pobres aos mais ricos, deveriam ter um papel naquele enredo. Além disso acreditava que um homem rico poderia disponibilizar suas riquezas para o benefício do povo, do coletivo. Aqueles que podem usar seus recursos para auxiliar outros são os primeiros beneficiários. A pessoa que tem bens, em sua visão, na realidade não os possui, mas sim é apenas o fiel depositário desses bens, que deverão servir à sociedade como um todo. “A verdadeira economia se coloca a favor da justiça social, promove a harmonia de todos”, dizia Gandhi.

Por que discutir hoje o conceito de “tutela”? Essa é uma estrutura que deve ser levada em consideração, pois hoje há um grande número de pessoas que estão inquietas, ansiosas por essa mudança. O mundo está pulsando muito forte para redescobrir essas pistas, existe um sentido de prontidão.

A ONG inglesa Oxfam realizou uma pesquisa em seis países – Espanha, Brasil, Índia, África do Sul, Reino Unido e Estados Unidos, nos quais se evidenciou a necessidade de mudança. Até mesmo aqueles que se reúnem no Fórum Econômico Social em Davos, na Suíça, a cúpula capitalista, apontam um estudo que conclui que a disparidade econômica entre as pessoas é a maior ameaça à estabilidade mundial nos dias de hoje.

Meus estudos estão focados em quatro aspectos da tutela:

1. Tutela como filantropia
2. Tutela como compromisso de grandes empresas
3. Tutela como filosofia radical de posse
4. Tutela como filosofia de vida

Vamos examinar como Gandhi chegou a essa ideia. Nos primeiros anos, por sua formação como advogado, refere-se ao termo tutor no sentido puramente legal – uma pessoa ou grupo responsável por uma determinada empresa ou pessoas que não podem administrar seus bens. Logo depois começa a ampliar o significado – se o governo da Inglaterra tivesse exercido verdadeiramente a tutela na Índia, teria ajudado os indianos, não os teria colonizado.

A tutela como filantropia é fácil, conforme já acreditava Gandhi.

O segundo aspecto da tutela é o que chamamos hoje de “governança social corporativa”, o que não significa simplesmente dar uma mão de tinta verde em sua empresa, mas uma mudança radical na forma como a corporação opera. Como trabalhar e auferir lucro sem exploração de seus colaboradores.

O terceiro ponto, a tutela como filosofia radical de posse, trata da posse compartilhada. Há empresas britânicas que estão fazendo, gradualmente, a transferência da posse de uma empresa de seu fundador para seus funcionários. No Rajastão estamos estimulando a formação de coletivos para terem a posse da terra, pois a administração se torna mais eficiente.

O último aspecto é a tutela como filosofia de vida. Os tratados internacionais já não são suficientes, por exemplo, nas questões das mudanças climáticas. Cada pessoa tem que ter a noção, a convicção de que ela tem a tutela do planeta inteiro.

Obviamente muitas pessoas não acreditavam que as ideias de Gandhi funcionariam. Mas enquanto muitos de seus conterrâneos o viam como um pregador da moral, ele se considerava um cientista. Na ciência não pode haver uma única experiência; somente através de repetidos experimentos, com permuta e diferentes rearranjos entre os componentes que interagem é que se pode aprender como a natureza se comporta.

Gandhi admirava o empreendedorismo, e enxerga a pessoa que tem essa qualidade ou atividade como detentora de uma responsabilidade ainda maior. O fato de ter esse talento e capacidade não lhe dá o direito de dominar os outros, mas ao contrário, sua responsabilidade como tutor é ainda maior. As pessoas que exercem suas habilidades manuais e trabalhos pesados também devem ter oportunidade de que seu trabalho floresça e possam evoluir em suas atividades.

Para Gandhi, tanto o capitalismo quanto o comunismo acabam por ser coercivos, pois o cidadão se sente coagido. Portanto é necessário tentar um caminho novo.

O poder concentrado nas mãos do Estado é tão perigoso quanto nas mãos da iniciativa privada, produzindo uma cultura da desresponsabilização.

Em muitas partes da Índia, em regiões áridas, as comunidades têm tecnologias muito engenhosas para captar e armazenar água. Lugares em que o índice pluviométrico é muito baixo, que captam a umidade do ar e fazem uso parcimonioso da água, têm o sentido de tutela. Em certas áreas o governo passou a se responsabilizar pelo abastecimento, o que provocou que as culturas e tradições se perdessem. É a sedução do desenvolvimento, que passa pelo que se entende por desenvolvimento.

A tutela tem toda uma ideia de “obrigação fiduciária”, isto é, a noção de que administrar os bens de uma propriedade qualquer que não lhe pertença implica a obrigação de não decidir nem levar a cabo nenhuma ação que prejudique o proprietário, a corporação ou entidade, além de estar atento ao impacto social e ambiental.

Economia solidária é a proposta de Gandhi.

A elevação da consciência é necessária e ela já está aumentando:

1. Movimento Occupy
2. Investimento responsável/ mercado ético. Três trilhões de dólares de investimentos em empresas ou comércio social e ambientalmente responsável.
3. A missão principal de uma empresa é atender todos os que de alguma forma são atingidos por essa empresa. Esta começa a ser a resposta à pergunta “Qual o propósito de uma empresa?”

\*\*\*

Síntese da palestra da Professora Rajni Bakshi  
em 08/10/2014 na sede da UMAPAZ.  
Edição de texto: Rejane Moura  
Revisão de texto Lucia Benfatti

